

**FACULDADE DE SANTO ANTÔNIO PÁDUA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

Francisco Arley Netto

**ABORDAGENS DE ENFERMAGEM FRENTE À SAÚDE MENTAL DE
CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM IDADE ESCOLAR E PRÁTICAS
MEDICALIZANTES**

Santo Antônio de Pádua / RJ
2024

FRANCISCO ARLEY NETTO

**ABORDAGENS DE ENFERMAGEM FRENTE À SAÚDE MENTAL DE
CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM IDADE ESCOLAR E PRÁTICAS
MEDICALIZANTES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Enfermagem da Faculdade Santo Antônio de Pádua – FASAP, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Prof. Dr. Enoghalliton de Abreu Arruda.

FRANCISCO ARLEY NETTO

ABORDAGENS DE ENFERMAGEM FRENTE À SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM IDADE ESCOLAR E PRÁTICAS MEDICALIZANTES

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Santo Antônio de Pádua como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem.

Aprovado em: ___/___/___

Banca Examinadora

Prof^a. Luiza Cosendey Souza, Doutora - FASAP

Prof. Arandir de Souza Carvalho, Mestre- FASAP

Prof. Enoghalliton de Abreu Arruda, Doutor - FASAP
Orientador

Santo Antônio de Pádua / RJ
2024

ABORDAGENS DE ENFERMAGEM FRENTE À SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM IDADE ESCOLAR E PRÁTICAS MEDICALIZANTES

Francisco Arley Netto

Resumo: A saúde mental tem sido alvo de pesquisas científicas e de grandes inquietações acadêmicas nos últimos anos, sobretudo, na busca de qualidade de vida e de inclusão. Assim sendo, cabe destacar a exponencial e crescente incidência de transtornos mentais e/ou doenças durante a vida escolar de crianças e adolescentes. Em decorrência deste fato, o presente estudo pretendeu retratar como os Enfermeiros e sua equipe multiprofissional atuantes na APS e ESF poderão contribuir com o desenvolvimento integral e saudável de escolares e de que modo ocorre o acolhimento e processo de atenção. Para a construção conceitual do presente estudo, foi usada a pesquisa bibliográfica. A presença do profissional enfermeiro nas escolas é de suma importância, ressaltando a ampliação do ramo da ciência para uma nova ótica de assistência de enfermagem humanizada e para melhoria no contexto de medicalização escolar. Além disso, o presente estudo também aponta bases para futuras pesquisas. Os resultados apontaram que os profissionais, tanto educadores quanto enfermeiros e demais profissionais de saúde, devem aprimorar seus conhecimentos sobre o processo de medicalização e seus efeitos nas crianças e jovens, além de melhorar os processos de triagem e acompanhamento de escolares com problemas relacionados à saúde mental.

Palavras-chave: Enfermeiro; Medicalização; ESF; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

O presente estudo se propõe a investigar o papel do enfermeiro atuante na Estratégia Saúde da Família (ESF) frente a implementação de ações de saúde no âmbito escolar, visando a educação em saúde de profissionais educadores e de seus alunos ali inseridos. Dentro desse contexto, o enfermeiro se torna um importante agente na qualidade de saúde de escolares, bem como, buscando articular maneiras de evitar a medicalização de escolares e promover a conscientização para uma educação não medicalizante, salvo quando todas as possibilidades terapêuticas falharem.

O presente estudo retrata a relevância do trabalho dos profissionais enfermeiros atuantes na ESF frente ao assunto prevalente e, muitas vezes, negligenciado por enfermeiros e demais profissionais, principalmente por se tratar da saúde mental dos jovens e adolescentes. Além de organizar dados sobre como enfermidades mentais podem ser tratadas de formas distintas, mas também visando

relatar e apresentar maneiras para que o enfermeiro possa agir, sendo o protagonista, se destacando no cuidado e na tomada de decisões.

Porém, para trazer transformações a esta realidade, devem buscar formas de análise individual e clínica dos alunos, tendo em mente transpassar as velhas concepções existentes no meio médico/clínico, que por experiência própria do acadêmico que faz este estudo, os enfermeiros atuais, em grande maioria, com a mentalidade de estagnação, atualmente estão totalmente despreparados para a atualidade, principalmente para com jovens pós pandemia do COVID-19.

Assim, sendo a ESF o principal dispositivo da APS e, porta de entrada preferencial e prioritária ao Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil e o presente estudo demonstra a relevância da reorganização do processo de trabalho de Enfermeiros atuantes na ESF, onde podem contribuir significativamente com professores da Educação Básica para lidar com as diversas realidades socioculturais e psicossociais dos alunos em idade escolar/escolares, além de ser importante agente de educação permanente às equipes de saúde multiprofissionais, numa busca contínua de formas de análise individual, coletiva e clínica de alunos, objetivando transpassar as velhas concepções existentes no meio educacional/saúde, demonstrando a relevância do presente estudo para os contextos educação e saúde, além de promoção de estratégias inclusivas e não medicalizantes, frente à neurodiversidade.

Assim, apresenta-se como problema de pesquisa: “De que modo o Enfermeiro atuante na ESF pode contribuir com melhorias e transformações na realidade da vida de escolares frente ao processo de educação em saúde e medicalização escolar?”.

Para que seja possível responder ao problema supracitado, formula-se o seguinte objetivo geral: Retratar como os Enfermeiros e sua equipe multiprofissional atuantes na APS/ESF poderão contribuir com o desenvolvimento integral e saudável de escolares e de que modo ocorre o acolhimento e processo de atenção.

Para o alcance do objetivo geral, elencam-se os seguintes objetivos específicos: apresentar estratégias de aproximação, acolhimento e integração para atrair escolares com fragilidade emocional, neurodiversidade, transtornos mentais e/ou de aprendizagem; enfatizar a prática da não medicalização ou ultima opção terapêutica e descrever a relevância do Enfermeiro atuante na APS/ESF no processo.

O presente estudo descreve o crescimento contínuo de doenças mentais, com foco centrado em crianças e adolescentes em idade escolar. Além disso, o presente estudo buscou destacar o papel e a relevância do profissional enfermeiro atuante na APS/ESF em suas importantes contribuições no setor educação e a observância e disseminação das práticas não medicalizantes em primeira escolha, sobretudo, no contexto educacional/escolar.

METODOLOGIA

O método adotado neste estudo foi a Revisão de Literatura. Foram consultadas informações obtidas em sites na internet como o SciELO, Google Acadêmico, Cartilhas e Manuais do Ministério da Saúde, livros, artigos, dissertações e teses disponíveis no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) relacionados com o tema abordado.

Dentre os critérios de inclusão adotados para a presente pesquisa, enquadraremos todos os documentos encontrados de relevância e pertinência ao presente estudo e, dentre os critérios de exclusão, serão descartados os documentos sem integração com o assunto. Vale ressaltar que daremos preferência aos documentos com data de publicação superior ao ano de 2019, porém, esse último não será considerado aqui, como critério de inclusão ou exclusão.

De acordo com Costa (2001), na pesquisa bibliográfica o suporte vem basicamente de livros e revistas, e outros tipos de publicações, compondo as referências bibliográficas. Para a pesquisa documental, o autor afirma que, embora não se excluam as referências bibliográficas, são usados outros documentos, como relatórios, manuais e outros.

Conforme sugere Gil (2010), as fontes da pesquisa bibliográfica podem ser os livros de leitura corrente, que abrangem tanto as obras referentes aos diversos gêneros literários, como as obras de divulgação que proporcionam conhecimento técnico/científico.

Foi realizando uma pesquisa e apanhado de informações e dados já apresentados em outros artigos científicos, para assim formular uma melhor resposta para sanar a questão central deste artigo. A pesquisa de campo foi descartada neste presente artigo em específico, pois é necessário construir uma base sólida de informações e dados sobre o assunto, pois se trata de dois

segmentos importantíssimos da saúde, que seria as boas práticas do enfermeiro e a saúde mental dos jovens e adolescentes em contexto escolar.

A pesquisa bibliográfica se realiza a partir primordialmente consultando dados relacionados à saúde mental em adolescentes em âmbito escolar, para saber como eles são afetados psicologicamente, pois reflete-se em sua saúde, desta forma principalmente, entendendo que haverá uma melhor chance de desenvolver uma abordagem específica para cada caso (FONTENELE, 2018).

Ao desenrolar deste artigo será apresentado, uma pesquisa com o intuito de se identificar qual a melhor conduta a ser realizada e as melhores decisões a serem tomadas em cada quadro clínico específico, de cada paciente específico, pois cada um tem sua individualidade, embora jovens, adolescentes já tem sua personalidade e peculiaridades específicas de cada um quase totalmente desenvolvidas, embora ainda seja necessário amadurecer, além de que, a personalidade das pessoas não é algo absoluto e imutável, conforme os seres humanos crescem e se desenvolve, mesmo após a idade adulta, a personalidade vai se moldando a seu estilo de vida e a outros fatores (LEPRE, 2022).

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A saúde mental dos jovens, principalmente aqueles inseridos em ambiente escolar, vem apresentando cada vez mais problemas, juntamente a esse crescente em números, vêm dados alarmantes, principalmente sobre a automedicação e o não acompanhamento profissional, que mais adiante no estudo será mostrado que tais casos podem ser tratados por métodos não medicamentosos e acompanhamento especializado. Pois muitos jovens não procuram ajuda, tendo uma sensação de independência, tentam resolver seus problemas sozinhos, o que por muitas vezes, pode gerar um grande risco a saúde do próprio, como dito pela Associação Médica Brasileira (ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA, 2023).

A medicalização juvenil tem impactado fortemente crianças e adolescentes na década de 2020. Um exemplo disso é o caso retratado por Amanda S. Moreira na “Revista de Psicologia”, que descreve um jovem de 17 anos diagnosticado com TDAH e retardo mental leve. O enquadramento do mal-estar dentro de uma categorização diagnóstica medicalizante dificulta o engajamento desse jovem no processo de construção da sua identidade durante a adolescência (SILVA, 2018).

A medicalização em muitos casos refere ao processo de transformar questões sociais, comportamentais e educacionais em problemas médicos. Isso significa que problemas que podem ter origens diversas, como sociais, políticas, culturais ou emocionais, são interpretados e tratados como doenças ou transtornos que necessitam de intervenção médica, muitas vezes envolvendo o uso de medicamentos.

No contexto da educação, a medicalização se manifesta na tendência de diagnosticar crianças e adolescentes com transtornos como TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade) e dislexia, essa medicalização pode ter efeitos negativos, como a exclusão social, a dependência de medicamentos e a ocultação de problemas reais que precisam ser abordados de forma mais ampla e contextualizada. É essencial ser destacado a importância de questionar a medicalização excessiva, defendendo a necessidade de abordar os problemas de aprendizagem e comportamento de forma mais holística, levando em consideração aspectos sociais, emocionais e educacionais, em vez de simplesmente rotulá-los como questões médicas a serem tratadas com medicamentos (MANFRÉ, 2020).

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA MEDICALIZAÇÃO OU NÃO MEDICALIZAÇÃO

Enquanto a medicalização muitas vezes categoriza e limita os adolescentes a rótulos e diagnósticos, o enfermeiro na educação em saúde opera de maneira diferente, focando na promoção de hábitos saudáveis e na prevenção de doenças. Esse enfoque não apenas complementa, mas também contrapõe a abordagem restritiva da medicalização ao oferecer estratégias de apoio emocional, educação em saúde mental e monitoramento de sintomas de forma mais integrada à comunidade escolar e às famílias.

Assim, enquanto o discurso medicalizante tende a limitar a identidade do adolescente ao seu diagnóstico, a atuação do enfermeiro busca fortalecer vínculos e promover um cuidado mais holístico e personalizado, incentivando respostas singulares para o mal-estar enfrentado pelos jovens durante a travessia da adolescência (ANJOS, 2022).

O enfermeiro na educação de saúde atua em vários papéis, dentre eles, a realização de consultas de enfermagem nas escolas sendo por exemplo, na prevenção de doenças e promoção de hábitos saudáveis, atuando no fornecimento

de orientações sobre cuidados de saúde, além de realizando principalmente o estabelecimento de vínculos entre a comunidade escolar, alunos e famílias (ANJOS, 2022)..

O vínculo e conexão entre enfermeiros, comunidade escolar, alunos e famílias é crucial para promover a educação em saúde, pois com tal vínculo, as medidas facilitam a identificação de necessidades de saúde, a implementação de ações preventivas e o suporte a orientações vinculadas adequadas, o enfermeiro desempenha um papel fundamental na promoção da saúde e na prestação de cuidados preventivos e curativos no ambiente escolar, a colaboração estreita com a comunidade escolar e as famílias permite um cuidado mais abrangente e personalizado aos alunos (ANJOS, 2022).

Sendo tal vínculo de tal importância, que acaba gerando benefícios significativamente importantes, dentre eles a melhoria da saúde e bem-estar dos alunos através de ações educativas e preventivas, a promoção de hábitos saudáveis e prevenção de doenças através de intervenções direcionadas, a identificação precoce de problemas de saúde e encaminhamento adequado para tratamento além do fortalecimento da relação entre escola, família e profissionais de saúde para um cuidado integrado e eficaz (ANJOS, 2022)..

A consequência de tais benefícios gerado pelos vínculos, acabam guiando para resultados positivos, como por exemplo o aumento da conscientização sobre saúde e promoção de estilos de vida saudáveis, a redução do absenteísmo escolar devido a problemas de saúde capazes de serem previstas, o que também acaba englobando saúde mental, a melhoria do ambiente escolar e da qualidade de vida dos estudantes, o estabelecimento de parcerias rigorosas que beneficiam a comunidade como um todo, além de outros resultados positivos (ANJOS, 2022).

COMO ABORDAR E INTEGRAR ESCOLARES A PROMOÇÃO DA SAÚDE

Para gerar um tratamento de qualidade, é necessário ter entendido vários fatores, desde a própria enfermidade, suas causas, complicações, fatores agravantes, entre outros. Um dos fatores depende do contexto em que o jovem é introduzido, pois por exemplo o Brasil é o país com maior proporção de pessoas ansiosas no mundo: 9,3% da população, segundo a última estimativa global de transtornos mentais feita pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Além disso, é

o segundo das Américas com maior prevalência de depressão. A juventude do mundo inteiro tem sofrido com o aumento de casos em transtornos psicológicos e doenças mentais, como por exemplo nos Estados Unidos da América, que no ano de 2000, 6,7 em 1.000 crianças haviam sido diagnosticadas com transtorno do espectro do autismo (TEA), embora já alto, esse número mais do que quadruplicou 20 anos depois, chegando a 27,6 em 1.000 crianças que foram diagnosticadas com o mesmo aspecto do transtorno. Isso significa que atualmente 1 em 36 crianças nos EUA é diagnosticada com TEA, contra 1 em 150 crianças há 20 anos antes (INSTITUTO INCLUSÃO BRASIL, 2023).

A saúde mental dos adolescentes é influenciada por diversos fatores, e quanto mais riscos eles enfrentam, maior pode ser o impacto em seu bem-estar. Entre os elementos que contribuem para o estresse nessa fase da vida estão a exposição a adversidades, a pressão para se adequar aos padrões dos colegas e a busca por identidade. A mídia e as normas de gênero podem intensificar a diferença entre a realidade vivida e as aspirações futuras dos jovens. Outros aspectos significativos incluem a qualidade do ambiente familiar e as relações com os colegas.

Fatores como violência, especialmente a sexual e o *bullying*, disciplina severa por parte dos pais e sérios problemas socioeconômicos são reconhecidos como riscos para a saúde mental. Além disso, alguns adolescentes estão em maior vulnerabilidade devido a suas condições de vida, estigmas, discriminação ou exclusão, e à falta de acesso a serviços de apoio adequados. Isso abrange jovens em contextos humanitários e instáveis, aqueles com doenças crônicas, transtorno do espectro autista, deficiência intelectual ou outras condições neurológicas, adolescentes grávidas, pais jovens, aqueles em casamentos precoces ou forçados, órfãos e jovens de minorias étnicas ou sexuais, além de outros grupos marginalizados (WHO, 2021).

Tais fatores de risco contribuem para uma propensão a presença de doenças mentais na vida dos estudantes, como a presença de ansiedade e depressão que pode impactar negativamente a frequência e o desempenho escolar, e o afastamento social tende a agravar o sentimento de isolamento e solidão, com a depressão podendo resultar em comportamento suicida (WHO, 2021).

Em todo o mundo, aproximadamente um em cada sete jovens entre 10 e 19 anos enfrenta transtornos mentais, o que corresponde a 13% da carga global de

doenças nessa faixa etária. Entre as principais causas de enfermidade e incapacidade entre adolescentes estão a depressão, a ansiedade e os distúrbios comportamentais.

Ademais, o suicídio representa a quarta maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos. As implicações de não tratar as condições de saúde mental durante a adolescência tendem a se prolongar na vida adulta, afetando tanto a saúde física quanto a mental e limitando as oportunidades de um viver pleno. Intervenções focadas na promoção e prevenção da saúde mental visam melhorar a capacidade dos indivíduos de manejar suas emoções, proporcionar alternativas a comportamentos de risco, desenvolver resiliência diante de dificuldades e criar ambientes sociais e redes de apoio. Para serem realmente eficazes, esses programas devem adotar uma abordagem em múltiplos níveis, empregando várias plataformas de implementação, como mídias digitais, serviços de saúde ou assistência social, escolas e comunidades, além de utilizar estratégias diversificadas para atingir os adolescentes, especialmente os mais vulneráveis (WHO, 2021).

A atuação dos enfermeiros é crucial, pois eles têm a responsabilidade não só de identificar e intervir nos casos de depressão, mas também de oferecer suporte emocional e educacional, promovendo a reintegração social dos pacientes e contribuindo assim para uma melhor qualidade de vida (LIMA, 2017).

É necessário manter em mente que os cuidados de enfermagem para pacientes com depressão são fundamentais e devem ser realizados de maneira contínua e adaptada às necessidades individuais de cada paciente. O enfermeiro desempenha um papel vital na identificação de sintomas, na elaboração de planos de cuidado e na promoção de intervenções que visem a melhoria da qualidade de vida do paciente. A importância do conhecimento do enfermeiro sobre a depressão não pode ser subestimada, pois um diagnóstico correto e uma abordagem terapêutica adequada dependem de sua formação e capacitação.

O artigo “Cuidados de Enfermagem à Pessoa com Depressão Atendida na Atenção Primária de Saúde” ressalta que muitos enfermeiros ainda apresentam déficits de conhecimento na área de saúde mental, o que pode comprometer a assistência prestada. Apesar da existência de uma vasta literatura sobre saúde mental, ainda há uma carência de pesquisas focadas na prática do cuidado ao paciente com depressão. Indicando assim a necessidade urgente de qualificação dos profissionais de enfermagem, pois essa formação é crucial para que possam

atuar efetivamente na prevenção, no diagnóstico e no tratamento, contribuindo assim para a recuperação e reinserção social dos indivíduos afetados pela doença (LIMA, 2017).

RELEVÂNCIA DO ENFERMEIRO ATUANTE NA APS/ESF

A Atenção Primária à Saúde (APS) é o principal meio de ação e integração da Estratégia Saúde da Família (ESF), sendo um componente essencial do Sistema Único de Saúde (SUS) e é considerada a porta de entrada para o sistema de saúde no Brasil. Ela se concentra na promoção da saúde, na prevenção de doenças e na assistência contínua e integral aos indivíduos e comunidades. A APS busca atender às necessidades de saúde da população de maneira acessível, resolutive e humanizada, atuando em diversos níveis, como a saúde da família, saúde mental, saúde dos idosos e saúde da criança. Essa abordagem integral e preventiva não apenas melhora a qualidade de vida da população, mas também reduz a sobrecarga dos serviços de atenção especializada e hospitalar (PIRES,2022).

O enfermeiro desempenha um papel fundamental na APS, atuando como um profissional essencial na formação da equipe de Saúde da Família. Suas atividades incluem a realização de consultas sistemáticas, onde eles avaliam a saúde dos pacientes, identificam necessidades, promovem cuidados e orientam sobre prevenção de doenças. Além disso, os enfermeiros têm um papel ativo na educação em saúde, conscientizando os usuários sobre hábitos saudáveis e comportamentos de risco, e colaborando para a construção de um ambiente favorável ao bem-estar da comunidade. Essa atuação proativa é crucial para o fortalecimento da APS e para a promoção da saúde pública (PIRES,2022).

Além das consultas e ações educativas, os enfermeiros na APS são responsáveis por coordenar programas de saúde que exigem um acompanhamento contínuo, como os voltados para a saúde mental, particularmente o manejo da depressão e da ansiedade. Eles desempenham um papel fundamental na identificação precoce desses transtornos, realizando triagens e promovendo intervenções que visam o suporte emocional e psicológico dos pacientes. Através de 9consultas regulares e atividades educativas, os enfermeiros ajudam a desestigmatizar as questões de saúde mental, incentivando os usuários a buscarem ajuda e a adotarem práticas que promovam o bem-estar mental. Essa atuação

abrangente e integrada é essencial para o sucesso da APS, pois os enfermeiros não apenas cuidam da saúde individual, mas também promovem a saúde coletiva, contribuindo para a construção de um sistema de saúde mais justo e eficaz, onde a saúde mental é tratada com a mesma importância que a saúde física (PIRES,2022).

Mas para realizar o tratamento é necessário ser realizado a identificação, no contexto escolar de crianças e adolescentes é usado a principal porta de entrada, sendo o Programa Saúde na Escola (PSE) consistindo em uma iniciativa inovadora do governo brasileiro que busca promover a saúde e a qualidade de vida de estudantes no ambiente escolar, integrando ações de saúde com a educação. Lançado em 2007, o programa visa criar um espaço que favoreça o bem-estar e a formação integral das crianças e adolescentes, reconhecendo a importância da saúde na aprendizagem (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011).

O PSE articula a atuação das equipes de saúde, especialmente os enfermeiros da saúde básica, com as escolas, para realizar atividades voltadas à prevenção de doenças e à promoção de hábitos saudáveis. Os profissionais envolvidos desempenham um papel essencial nesse contexto, implementando ações como campanhas de vacinação, triagens de saúde, oficinas sobre alimentação saudável e atividades físicas, além de oferecer orientações sobre saúde mental e prevenção de problemas relacionados ao uso de substâncias (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011).

O funcionamento do PSE é baseado na colaboração entre as Secretarias de Saúde e Educação, que trabalham em conjunto para identificar as necessidades dos alunos e desenvolver estratégias direcionadas. As escolas se tornam, assim, espaços de promoção da saúde, onde os estudantes têm acesso a informações e práticas que impactam positivamente seu bem-estar. Com uma abordagem interdisciplinar, o programa fortalece a relação entre o corpo docente, os profissionais de saúde e as famílias, criando uma rede de apoio que visa garantir um ambiente escolar mais saudável e seguro. Desse modo, o PSE não apenas contribui para a formação de estudantes mais conscientes sobre a saúde, mas também promove o desenvolvimento integral, focando no bem-estar físico e emocional dos jovens (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das informações desvela inúmeras indagações, sendo mais urgente e alarmante o aumento gradual e significativo de doenças/transtornos mentais que afetam toda a população, especialmente os jovens/escolares. Esses transtornos podem impactar profundamente a formação da identidade e as perspectivas de vida dos adolescentes.

O enfermeiro desempenha um papel fundamental, frequentemente servindo como o principal vínculo entre o jovem e o tratamento, especialmente na APS, como a ESF e mesmo com a existência do programa Saúde na Escola, os processos de cuidado envolvendo triagem, educação em saúde e acompanhamento longitudinal serão inerentes ao enfermeiro atuante na ESF.

Para prestar essa assistência, o enfermeiro deve estar bem preparado e informado. Um profissional capacitado consegue identificar, manejar e aconselhar o jovem, além de encaminhá-lo para especialistas, como médicos ou psicólogos, mantendo sempre o cuidado contínuo. A saúde da família é o foco da ESF, considerando a individualidade de cada membro.

Concluimos que o enfermeiro é capaz de transformar o atual cenário de educandos, caso houvesse maior intervenção e interlocução entre os setores saúde e educação, além do envolvimento familiar. Desse modo, sozinho o profissional enfermeiro não consegue dar conta da demanda da ESF, pois culmina na sobrecarga profissional.

Ao longo do estudo, conseguindo concluir que a intervenção da educação na escola ainda apresenta diversas lacunas. O profissional de saúde, no caso o enfermeiro, possui conhecimento para melhorar a realidade no processo de medicalização de escolares, através do ato preventivo, de intervenção nas escolas de sua área de abrangência ou nas famílias cadastradas neste território, pois são atribuições do enfermeiro desta unidade. Sempre destacando a prevenção, terapias não medicamentosas em primeiro plano e, somente, caso todos os dispositivos apresentarem falhas é que a terapia medicamentosa será importante no processo de tratamento/cuidado.

Consideramos correto encerrar aqui este estudo, ainda que os assuntos abordados possam apresentar lacunas. Deixamos assim, espaço para que possam surgir novos questionamentos sobre o tema e propiciando novos estudos. Também ressaltamos a intenção de que este seja lido e as orientações nele descritas sejam

colocadas em prática, não somente pelos profissionais educadores e enfermeiros, mas para todos os outros profissionais.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Jussara Soares Marques et al. **Educação em saúde mediante consultas de enfermagem na escola**. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 15, n. 4, p. e10150-e10150, 2022. Disponível em: (<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/10150>). Acesso em: 1 abr. 2024.

ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA (AMB). **Apenas 5% dos brasileiros fazem terapia, mas 1 a cada 6 usam medicamentos, mostra pesquisa inédita sobre saúde mental**. 27 mar. 2023. Disponível em: <https://amb.org.br/brasil-urgente/apenas-5-dos-brasileiros-fazem-terapia-mas-1-a-cada-6-usam-medicamentos-mostra-pesquisa-inedita-sobre-saude-mental/>. Acesso em: 1 abr. 2024.

COSTA., S. F. **Método científico**: os caminhos da investigação. São Paulo: HARBRA, 2001.

FONTENELE, R.; MESQUITA, S.; PESSOA, D. RAMOS, A.; SOUSA, I. **Depressão na Adolescência e Comportamento Suicida: Uma Revisão Integrativa**. Enciclopédia Biosfera, [S. l.], v. 15, n. 27, 2018. Disponível em: (<https://www.conhecer.org.br/ojs/index.php/biosfera/article/view/615>). Acesso em: 1 abr. 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

INSTITUTO INCLUSÃO BRASIL. **Aumento exponencial de casos de autismo no mundo**. Disponível em: (<https://institutoinclusaobrasil.com.br/aumento-exponencial-de-casos-de-autismo-no-mundo/#:~:text=Embora%206%2C7%20em%201.000,150%20crian%C3%A7as%20h%C3%A1%2020%20anos>). Acesso em: 14 agosto. 2024.

LEPRE, Rita Melissa; DE OLIVEIRA, Jamile. **Adolescência e construção da personalidade moral**. Dialogia, [S. l.], n. 41, p. e21333, 2022. DOI: 10.5585/41.2022.21333. Disponível em: (<https://ununove.emnuvens.com.br/dialogia/article/view/21333>). Acesso em: 8 maio. 2024.

LIMA, Vilne Jean Santos de. **Cuidados de enfermagem à pessoa com depressão atendida na atenção primária de saúde**. Revista Científica da FASETE, v. X, n. Y, p. 327-337, março de 2017. Disponível em: (https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2017/14/cuidados_de_enfermagem_a_pessoa_com_depressao_atendida_na_atencao_primaria_de_saude.pdf). Acesso em: 14 agosto. 2024.

MANFRÉ, Ademir Henrique. **Crítica da medicalização na educação escolar: um saber necessário na formação de professores**. Debates em Educação, [S. l.], v. 12, n. 26, p. 15–35, 2020. DOI: 10.28998/2175-6600.2020v12n26p15-35. Disponível em: (<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/6243>). Acesso em: 24 set. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde do Adolescente**. 20 de fevereiro de 2024. Disponível em: (<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-do-adolescente>). Acesso em: 14 agosto. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Saúde na Escola: Passo a Passo - Tecendo Caminhos da Intersectorialidade**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: (<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-na-escola>). Acesso em: 1 abr. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Transtornos do espectro autista**. 15 de novembro de 2023. Disponível em: (https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders?gad_source=1&gclid=CjwKCAjwreW2BhBhEiwAavLwflTTf3BT66SDHOIMbPHP9gXA9TB AqC65Nhpw-l7XNI92gSTrT7YpBxoCoskQAvD_BwE). Acesso em: 14 agosto. 2024.

PIRES, R. de C. C. .; LUCENA, A. D. .; MANTESSO, J. B. de O. . **Atuação do enfermeiro na atenção primária à saúde (APS): uma revisão integrativa da literatura**. Revista Recien - Revista Científica de Enfermagem, [S. l.], v. 12, n. 37, p. 107–114, 2022. DOI: 10.24276/rrecien2022.12.37.107-114. Disponível em: <https://www.recien.com.br/index.php/Recien/article/view/600>. Acesso em: 1 abr. 2024.

WHO - World Health Organization. **Adolescent mental health**. 17 de novembro de 2021. Disponível em: (https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health/?gad_source=1&gclid=CjwKCAjwreW2BhBhEiwAavLwfO_eg3CSGVtqvJiXbqUvgk06VoWi-Dg Zy4h45B-579t39Ev474lQwRoCxXEQAvD_BwE). Acesso em: 14 agosto. 2024.